

Universidade de Brasília  
Instituto de Ciências Humanas  
Departamento de História

Giuliana Oliveira Rodrigues

**Todos os cachorros são azuis:  
A loucura e o internamento na narrativa de Rodrigo de Souza Leão**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
para a obtenção de licenciatura em História

Brasília  
2019

GIULIANA OLIVEIRA RODRIGUES

**Todos os cachorros são azuis:**

**A loucura e o internamento na narrativa de Rodrigo de Souza Leão**

Trabalho de conclusão de curso apresentado para a obtenção de licenciatura em História sob orientação do Professor Daniel Barbosa Andrade de Faria.

Brasília

2019

## SUMÁRIO

Resumo.....	04
Introdução.....	05
Metodologia.....	07
Parte I: A loucura e o internamento.....	10
Parte II: Os tempos e os espaços.....	16
Parte III: Literatura como espaço de liberdade.....	25
Parte IV: Gestação e parto.....	29
Conclusão.....	31
Referências bibliográficas.....	32

## **Resumo**

Este artigo busca compreender os processos de internação e institucionalização da loucura na modernidade contemporânea a partir da obra *Todos os cachorros são azuis*, de Rodrigo de Souza Leão. O estudo foi conduzido a partir de uma abordagem da literatura de ficção que almeja repensar as linhas divisórias entre a literatura e a noção de realidade. Dessa forma, este trabalho se propõe a pensar sobre as relações temporais do internamento de Rodrigo, tomando como ponto de partida seu livro de estreia.

**Palavras-chave:** Loucura; literatura contemporânea; percepção do tempo; hospitais psiquiátricos

## **Abstract**

This article aims to understand the processes of hospitalization and institutionalization of madness in contemporary modernity from the work *All Dogs Are Blue*, by Rodrigo de Souza Leão. The study was conducted from an approach to fiction literature that aims to rethink the dividing lines between literature and the notion of reality. Thus, this work proposes to think about the temporal relations of Rodrigo's internment, taking his debut work as its starting point.

**Keywords:** Madness; contemporary literature; time perception; psychiatric hospitals

## Introdução

O principal objetivo deste trabalho é refletir sobre a dimensão dos tempos no que tange à loucura e ao internamento, tendo como fonte o livro de Rodrigo de Souza Leão, *Todos os cachorros são azuis*. O livro foi publicado pela primeira vez em 2008, pela editora 7Letras. No ano seguinte, o autor morreu, aos 43 anos, em uma clínica psiquiátrica, após 20 anos de convivência com a esquizofrenia. Em seus poucos anos de vida, Rodrigo escreveu sobre sua experiência e deixou seus escritos para a posteridade, como lastros de sua existência para o futuro. A fonte em questão é parte desse lastro, parte das obras as quais o próprio autor tinha expectativas de confluir a algum tipo de eternidade<sup>1</sup>.

Vocês sabem muito bem que a minha vida não foi fácil. Sofreram muito. Sofremos junto. Sofremos nós. Eu gostei da vida e valeu a pena.(...) Tomara que exista eternidade. Nos meus livros. Na minha música. Nas minhas telas. Tomara que exista outra vida. Esta foi pequena pra mim. Está chegando a hora do programa terminar. Mickey Mouse vai partir. (...) Nunca tenham pena de mim. Nunca deixem que tenham pena de mim. Lutei. Luto sempre. Desculpem-me o mau humor. É que tudo cansa.<sup>2</sup>

O livro conta a história de Rodrigo, o protagonista, que é internado pelo pai por ter vandalizado a casa em que viviam, junto ao restante da família. Dessa forma, a narrativa se constrói ao redor da experiência do internado em diferentes tempos e espaços no decorrer deste processo. Rodrigo entra na instituição sendo colocado na célula solitária, passando, depois, a conviver com os demais internos e, finalmente, ganhando sua *liberdade* para viver na cidade do Rio de Janeiro, onde formaria uma religião (*Today*) e, posteriormente, seria assassinado por um fundamentalista que a seguia.

A vivência nestes diferentes espaços possibilita diferentes relações com o tempo, sendo um aporte para as memórias e expectativas do sujeito. Os processos de mudança pelos quais o protagonista passa são marcados pelas dinâmicas de tempo e espaço: ao ser internado e isolado até mesmo dentro do hospício, cria-se uma hierarquia perante os internos e o tédio promove uma percepção do tempo muito singular, desacelerado. Quando sai para conviver com os demais *loucos*, a percepção é outra — assim como quando sai da clínica. Ao descrever a experiência da personagem dessa forma, parece uma mera elucubração sobre a

---

<sup>1</sup> VIEIRA, Márcia. 'Vivo numa bomba-relógio circular'. **O Estado de S.Paulo**, 11 de julho de 2009. Aliás. Disponível em: <<https://alias.estadao.com.br/noticias/geral,vivo-numa-bomba-relogio-circular,401498>>. Acesso em 21/10/2019

<sup>2</sup> Ibid.

*carreira do doente mental*, descrita por Erving Goffman<sup>3</sup>. No entanto, a obra de Rodrigo de Souza Leão revela que há uma historicidade para essa situação.

Essas percepções do tempo têm uma dinâmica própria e, em diversos momentos, elas se relacionam entre si. A *carreira do doente mental* é, em 2008, completamente diferente do que era na década de 50: as instituições que internam a loucura já não funcionam sobre as mesmas lógicas. Elas ainda carregam muito do estigma e da violência que foram e ainda são basilares para a manutenção das clínicas de internamento, mas o fato de não serem mais permitidas internações vitalícias, por si só, já é capaz de modificar as dinâmicas temporais tipicamente asilares.

Mesmo se apartando em diversos aspectos, estes movimentos contam com a literatura e a loucura como seus denominadores comuns. Partindo deste enunciado, pretende-se elaborar este estudo visando responder às seguintes questões: levando em consideração todos os diferentes processos que tomaram parte no internamento de Rodrigo, como sua percepção de tempo é moldada? Qual é a historicidade desta percepção? E por fim, como essas dinâmicas se constroem considerando o material estético proposto pelo livro?

---

<sup>3</sup> GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo, Ed. Perspectiva. 1974 [1961]. p. 115 et seq.

## Metodologia

A escolha da fonte se deu tanto pela obra ser simultaneamente autobiográfica e ficcional, quanto pela experiência do próprio autor com o internamento e com a esquizofrenia. O metacontexto, neste caso, se faz essencial para elaborar questões acerca da obra. Por ter sido parte integrante do processo de internamento de Rodrigo, como uma forma de sobrevivência e de constituição de sujeito, o livro *Todos os cachorros são azuis* será a fonte para a realização deste trabalho.

Existe, comumente, uma distinção entre o que seria fato e o que seria literatura, no entanto, essa diferenciação que pensa a literatura como puramente um exercício criativo esquece de levar em conta que as composições literárias também são plurais e que podem ter uma carga de pesquisa e aprendizado tão grande quanto um artigo acadêmico<sup>4</sup>. Mesmo dentro da escrita acadêmica, ainda se faz uso de artifícios ficcionais para constituir linhas de pensamento: ao fazer uso de uma metáfora ou ao tomar algo como óbvio ou dado no texto. Trata-se de uma estratégia para a melhor compreensão do texto, ou seja, uma ficção metodológica<sup>5</sup>.

Há processos de pensamento e acontecimentos sociais que impactam diretamente e indiretamente a produção da obra. Ou seja, a obra literária não existe em um vácuo, ela é realizada por um sujeito, em um momento sócio-cultural que abarca também seu espaço relacional. Ainda assim, isso não impede que a escrita literária seja um espasmo de criatividade e nem que a ficção não tenha esse compromisso, em alguma medida, com uma literalidade do real. O que não quer dizer que a ficção é ativamente mentirosa, mas ela só existe diante esse acordo com o outro, de que aquilo é uma abstração e não um retrato fidedigno do real. Isso abre portas para que a ficção e a literalidade, a biografia, o fato material possam coexistir no texto, de forma ambígua e contraditória, mas ainda assim complementar.

Estabelecer a literatura como uma criação puramente abstracionista é uma desconstituição, em certa medida, do exercício criativo da escrita e da investigação histórica. Existe uma parcela da escrita histórica que se consolida através da criação e da imaginação, preenchendo os buracos narrativos que são deixados entre os lastros, entre as fontes. Ou seja, como bem colocado por André Fabiano Voigt, existe uma correlação entre o real e o

---

<sup>4</sup> JABLONKA, Ivan. **O terceiro continente**. Tradução. Artcultura, v. 19, n. 35. p. 16

<sup>5</sup> Ibid, p. 15 - 16

imaginado: “(...) pode-se notar que não há uma dissociação entre imaginação e matéria; ambas transformam e são transformadas em seu movimento de interferência mútua”<sup>6</sup>. Essa relação não anula uma materialidade do real, mas pode se alimentar dela, inclusive permitindo novas proposições para a mesma.

A distinção entre "fato" e "ficção", portanto, não parece nos ser muito útil, e uma das razões para isso é que a própria distinção é muitas vezes questionável. (...) No inglês de fins do século XVI e princípios do século XVII, a palavra "novel" foi usada, ao que parece, tanto para os acontecimentos reais quanto para os fictícios, sendo que até mesmo as notícias de jornal dificilmente poderiam ser consideradas factuais. Os romances e as notícias não eram claramente factuais, nem claramente fictícios, a distinção que fazemos entre estas categorias simplesmente não era aplicada. (...) O fato de a literatura ser a escrita "criativa" ou "imaginativa" implicaria serem a história, a filosofia e as ciências naturais não-criativas e destituídas de imaginação?<sup>7</sup>

Levando tais proposições em consideração, é possível e até necessário expandir a noção de ficção metodológica<sup>8</sup>. A escrita, em especial a escrita da história, pode ser, para além de um retrato fidedigno de uma presunção do real, uma forma de pensar lógicas e processos sociais, uma forma de encontrar novos diálogos e segmentos de reflexão. E não há motivo para que a literatura não tome parte nesse processo, especialmente como um espaço tão plural quanto tem potencial para ser, tendo características que pendem da liberdade e resistência até a repressão e o controle.

A obra de Rodrigo de Souza Leão não é uma elaboração que pode ser entendida como singularmente um produto linguístico. Ela não é apenas um exercício de linguagem, mas é através deste exercício que a obra promove uma *autoenunciação*<sup>9</sup>. Trata-se portanto de uma *autonarração* na qual Rodrigo se apropria da linguagem literária para conceber a si mesmo e ficcionalizar acerca de uma vivência material<sup>10</sup>. Este processo de, como apontado por Juliana Sá e Juciane Cavaleiro<sup>11</sup>, *colocar o autor na sala de reanimação* é de extrema relevância para a apreciação da composição artística de Rodrigo de Souza Leão, justamente devido à obra ser uma forma de enunciação e de construção de si.

Tratando-se da obra de Rodrigo de Souza Leão parece-nos, entretanto, temerário considerar seus romances como produtos simbólicos da linguagem. Para compreendermos melhor, consideremos a seguinte situação: se, por um lado, o

---

<sup>6</sup> VOIGT, André Fabiano. **Imaginação e história: um diálogo com Gaston Bachelard**. Anos 90, v. 16, n. 30 (2009). p.8

<sup>7</sup> EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Martins Fontes. São Paulo, 2006. p. 14 e 15

<sup>8</sup> JABLONKA, Ivan. **O terceiro continente**. Tradução. Artcultura, v. 19, n. 35. passim

<sup>9</sup> SÁ, Juliana.; CAVALHEIRO, Juciane. **As formas do eu na ficção de Rodrigo de Souza Leão**. Revista Criação & Crítica, n. 13, p. 138-149, 12 dez. 2014. p. 140

<sup>10</sup> Ibid.

<sup>11</sup> Ibid.

narrador de *Todos os cachorros são azuis* parece empreender esforços para nos convencer de que formula um depoimento relativamente objetivo (ou menos fantasioso) da realidade natural, revelando verossimilhanças entre a vida de Rodrigo – o autor –; por outro, o romance não assume plenamente a forma de um diário, dando vazão a alucinações e divagações de toda ordem. Esta indefinição entre a matéria ficcional e a biográfica indica, a propósito, outra característica da produção literária de Rodrigo de Souza Leão(...) <sup>12</sup>

É importante notar que o livro é parte de um conjunto de obras do autor que também têm por prioridade uma enunciação do *eu*. No entanto, ele é o primeiro ato de tal construção, sendo tanto uma soma de trechos isolados quanto um todo em si mesmo. Ou seja, que foram passíveis de identificação, o livro existe em três principais instâncias que deverão ser analisadas: ele é diversas partes menores, formando-se um inteiro que é parte, também, da composição de obras de Rodrigo.

A escolha metodológica carrega também um advento de expectativa: a literatura permite a liberdade da imaginação — liberdade para criar outros universos, outros sujeitos e até de se constituir enquanto sujeito. Este é o sentimento capaz de mudar as relações de expectativa, é o sentimento que corrobora novas noções de mundo — em especial um mundo no qual as mãos da psiquiatria não possam alcançar <sup>13</sup>.

---

<sup>12</sup> Ibid.

<sup>13</sup> Ibid.

## Parte I: A loucura e o internamento

Para além de uma obra literária, *Todos os cachorros são azuis* é uma obra sobre loucura. Ambas (a literatura e a loucura) podem ter uma relação tensa com a materialidade do real. Da mesma maneira que a literatura é frequentemente associada a algo puramente imaginado, a loucura é relacionada aos delírios, às alucinações e a um comportamento irracional ou desgovernado. No entanto, nenhuma dessas conexões é capaz de demonstrar com amplitude as possibilidades que circundam a loucura e a literatura.

A loucura existe porque existe o normal, ela existe como um estigma, um adesivo, não necessariamente do ponto de vista estrutural, mas principalmente a partir de uma perspectiva relacional: o louco será fruto de uma relação com o que é considerado normal<sup>14</sup>. Na contemporaneidade há uma difusão da loucura: todo ser humano se utiliza da linguagem da loucura em maior ou menor escala<sup>15</sup>, é parte da criatividade, das possibilidades mais basilares da comunicação humana. No entanto, a loucura se consolida da perspectiva da relação com os outros, percebendo o indivíduo em questão enquanto um estranho, um *outro*. Assim como o escritor, o louco não existe em um vácuo, ele interage com o corpo social e é justamente nessa interação social que a loucura será caracterizada.

Trata-se, portanto, de uma definição polissêmica e cultural que não foi sempre entendida por doença<sup>16</sup>. Conceituar de forma a desconsiderar os diversos significados que se emanam dali é ignorar a sua história, não considerando as mudanças que se desenrolam com o passar dos tempos e a partir das sociedades nas quais o conceito se encontra. Um conceito que não é polissêmico é a-histórico<sup>17</sup>. Pensar nessa estratificação do conceito a partir das diferentes eras é de extrema relevância para que se chegue à significação do tempo presente, onde a obra em questão toma lugar. O louco parte de uma concepção de real, ele entra em

---

<sup>14</sup> “Até o início do século XIX a medicina ocidental, grosso modo (excluindo os gregos), repousou sobre um único dogma, tão simples quanto indiscutível: saúde e doença se opõem radicalmente, assim como o Bem e o Mal — por princípio. A doença não é desvio ou acidente na ordem da Natureza, mas essência, entidade específica — contranatureza. O estado patológico não é uma alteração da normalidade, mas a presença ou ausência de um princípio definido. Entre saúde e doença não pode haver continuidade ou comunicação: o abismo que as separa é qualitativo, a tal ponto que a fisiologia e a patologia constituirão domínios independentes. À patologia caberá agrupar sintomas diversos em unidades nosográficas discriminadas, tal como faria um botanista em relação a suas espécies. Por detrás do jardim patológico, anterior a ele e até mesmo independente dele, pairam as essências mórbidas em seu sistema classificatório.”

PELBART, Peter Pál. **Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão**. Brasiliense, 1989. p. 207

<sup>15</sup> FOUCAULT, Michel. **A grande estrangeira: sobre literatura**. Trad. Fernando Scheibe. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 54.

<sup>16</sup> PELBART, Peter Pál. **Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão**. Brasiliense, 1989. p. 42

<sup>17</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Contraponto: Ed. PUC Rio, 2006. p. 109

desacordo com paradigmas sociais. Em *A História da Loucura*<sup>18</sup>, Michel Foucault realiza uma genealogia da loucura, falando inclusive do começo da loucura como doença, gradativamente, enquanto uma espécie de sucessora da lepra, tomando lugar como o “mal do século” em meados do século XVII. No decorrer do século XIX, por sua vez, a loucura passa a ser foco de assistência e repressão, principalmente devido à patologização do louco<sup>19</sup>.

Hoje, os conceitos e ideias em torno do tema da loucura não podem ser apenas essa redução que vê o sujeito como doente. Não se caracterizam em uma simples desrazão, delírios, alucinações ou mesmo por uma ordem de comportamentos inesperados, mas sim podem ser uma soma desses fatores com o ambiente social<sup>20</sup>. Existe um acordo coletivo sobre o que é a realidade, um contrato silencioso que molda o que é a realidade social. O que foge a este contrato é considerado ficção, loucura. No entanto, tal definição é bem menos absoluta do que parece, especialmente se para comunicar a dita realidade coletiva, a ficção e a loucura são necessárias, como uma forma de linguagem que permite o metafísico, o imaginário e o sentimental.

Isso não quer dizer que não há uma materialidade do real. Para exemplificar este argumento, proponho que pensemos na concepção de delírio para a Grécia antiga. Os delírios eram tidos como mensagens divinas, que atribuíam ao sujeito uma certa autoridade<sup>21</sup>. Já em meados do século XVII, a figura do louco era alvo de um julgamento moral intenso, sendo visivelmente tratada como algo errante, percebida muito distante do divino, próxima aos saberes proibidos, à maçã pecaminosa<sup>22</sup>. A partir do século XVIII, o clero passa a demandar uma linha divisória para diferenciar o que era um milagre de uma simples alucinação, para que não fossem beatificados e canonizados aqueles que consistiam, em verdade, uma ameaça ao funcionamento da Igreja. Entre 1734 e 1738, se consolida então a doutrina do *De servorum De beatificatione et beatorum canonizatione*, em Pádua, que instituía o que era uma normalidade social e cultural no âmbito da igreja católica<sup>23</sup>.

Mais recentemente, como percebemos na representação que ocorre ao fim do romance *Todos os cachorros são azuis*, Rodrigo, o protagonista, cria uma religião que cultua o *Today*,

---

<sup>18</sup> FOUCAULT, Michel. **História da loucura: na idade clássica**. Perspectiva, 2008, passim.

<sup>19</sup> PESSOTTI, Isaias. **A herança do século XVIII**. In: O século dos manicômios. [s.l.]: Ed. 34, 1996.

<sup>20</sup> SZASZ, Thomas. **Psiquiatria: o modelo da mente sífilítica**. In: Esquizofrenia: o símbolo sagrado da psiquiatria. Zahar, 1978, passim.

<sup>21</sup> PELBART, Peter Pál. **Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão**. Brasiliense, 1989. p. 42

<sup>22</sup> FOUCAULT, Michel. **História da loucura: na idade clássica**. Perspectiva, 2008, passim.

<sup>23</sup> PESSOTTI, Isaias. **A herança do século XVIII**. In: O século dos manicômios. [s.l.]: Ed. 34, 1996, passim.

uma ligação que existe entre todas as coisas do universo e que acaba por ganhar milhares de seguidores, até que Rodrigo é novamente internado (justamente por causa do crescimento dessa religião). Em sua obra, ele retoma a questão da loucura divinatória, mas sem receber autoridade por isso. Na verdade, ele é novamente internado, o que pode se considerar uma punição pela loucura. Ou, também, uma punição pela sua afronta religiosa, ao criar uma religião que se distancia dos princípios da cristandade.

Ao observar essa breve cronologia, são identificáveis diferentes consensos sobre o que é a realidade. Não existe uma realidade coletiva que permanece imobilizada no tempo: esse movimento das realidades se alimenta da loucura e a loucura se alimenta deste movimento. Há o delírio dionisíaco e suas proposições divinas. Há, também uma extensa posição punitiva e de culpa, que pensa o delírio como uma afronta ao divino e o associa ao pecado. Há a loucura que é associada à desrazão e que ainda carrega os propósitos arquetípicos da culpa cristã, que fez parte da construção desse suposto ocidente em que o protagonista se encontra. Nesse sentido, existem concepções diferentes do real, as quais possibilitam uma infinita gama de contrapontos a esta realidade. Ou seja, um sem-número de loucuras e ficções. Em momento algum, no entanto, a materialidade deixa de existir. Em verdade, é essa materialidade que permite a loucura enquanto tal — e vice-versa. É uma relação que se retroalimenta.

Rodrigo utiliza como motor para sua escrita a sua própria experiência: esquizofrênico, internado, com medo de ser violento, refletindo demoradamente sobre o próprio modelo de internação e sobre o exercício da escrita. Todas essas questões são particulares a Rodrigo de Souza Leão, mas se sobrepõem ao protagonista narrador Rodrigo. Uma das questões mais presentes na experiência de Rodrigo é seu medo de ser uma ameaça, uma fonte de violência. Antes de morrer, ele se internou com medo de agir de forma violenta e matar seu irmão. A paranóia tomou por base a representação do ator Bruno Gagliasso de um esquizofrênico, Tarso, em Caminho das Índias — já que o personagem matou o próprio irmão<sup>24</sup>.

Nesse caso, a esquizofrenia do autor também acabou sendo estigmatizada e ele, exposto a esse *modus operandi* de pensamento, tornou-se um agente repressivo para si mesmo — isolando-se por medo da própria conduta. É uma forma muito mais sutil de

---

<sup>24</sup> VIEIRA, Márcia. 'Vivo numa bomba-relógio circular'. **O Estado de S.Paulo**, 11 de julho de 2009. Aliás. Disponível em: <<https://alias.estadao.com.br/noticias/geral,vivo-numa-bomba-relogio-circular,401498>>. Acesso em 21/10/2019

controle, através das representações e do estigma. Mas dessa maneira é possível mobilizar o medo de si mesmo, a culpa, o ressentimento e transformar o indivíduo em um ator de controle. Rodrigo, o protagonista, também demonstra esse medo — um medo que vem da lucidez perante a própria loucura e da importância dessas relações afetivas para sua construção subjetiva. “Será o beijo de Judas? Será que trairei meu pai em minha loucura?”<sup>25</sup>.

É nesse sentido que Rodrigo retoma alguns preceitos do alienismo clássico. No modelo alienista de meados do século XX, o dever da equipe psiquiátrica, diante dessas diferentes representações e da forma a qual elas se relacionam, é justamente de moralizar o paciente, adequando-o a uma determinada ordem social. Ou seja, o dever psiquiátrico é de retomar esses laços sociais da realidade do louco, praticamente ressocializá-lo, inserindo-o nesse consenso do que é real. Seu médico tutor (o psiquiatra responsável pelo dito tratamento) é, portanto, o mais novo norte moral que determinará se o paciente está ou não são, constituindo as direções de sua carreira moral<sup>26</sup>.

Não é que a conotação moral do internamento tenha se findado, mas na modernidade contemporânea existem limitações no tempo da internação, em que tipo de procedimento pode ser realizado e em quem, além de uma disputa política que questiona a própria possibilidade do internamento — as lutas antimanicomiais. No entanto, ainda resta margem para uma operacionalidade moralizada, que abarca principalmente os casos ditos como insolucionáveis, aqueles considerados perigosos e uma real ameaça à ordem social. Como Rodrigo comenta:

Há muito que não se fazia mais a operação de lobotomia. As práticas de eletrochoque só eram ministradas com sedação. Havia a luta antimanicomial. Mas onde pôr as pessoas que não têm família e são casos perdidos?<sup>27</sup>

A loucura existe, assim como também a literatura, como um eixo da modernidade, um ponto focal de contradição, de mudança e de conflito. Os interesses familiares, médicos, da luta antimanicomial: todos adentram esse campo de disputa narrativa e política, norteados por questões morais e interesses que, em diversos momentos, se contradizem entre si e, outras vezes, vão de encontro aos interesses da pessoa internada ou considerada louca. Dessa maneira, devo destacar o manejo coletivo dessa experiência que, mesmo acontecendo entre

---

<sup>25</sup> LEÃO, Rodrigo de Souza. **Todos os cachorros são azuis**. 7Letras, 2010. p. 20

<sup>26</sup> GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo, Ed. Perspectiva. 1974 [1961]. p. 277 et seq.

<sup>27</sup> LEÃO, Rodrigo de Souza. **Todos os cachorros são azuis**. 7Letras, 2010. p. 30

um sujeito e seu contexto social, viabiliza a formação de toda uma movimentação de grande magnitude ao redor do tema.

O vocabulário psiquiátrico tende a anular essas experiências coletivas do louco, atribuindo a loucura, como uma doença, à sua individualidade<sup>28</sup>, a fatores que também são sociais mas que são tratados de uma perspectiva medicalizante, como se fossem unicamente um problema do indivíduo e não pudessem haver questões relacionais envolvidas. Existe uma certa comoção culposa nesse processo, atribuindo ao louco total responsabilidade por sua loucura e colocando-o em um dito tratamento isolacionista e autoritário.

É neste isolamento que o silenciamento se consolida e se fortalece: as instituições de internamento adotam uma forma de agir perante o internado que o hierarquiza perante os outros, além de mantê-lo em um sistema panóptico de vigilância. Tudo aquilo que o internado pensa, fala e a forma como age são tratados unicamente como resultado de sua condição psiquiátrica, de sua doença, anulando seus interesses e as atitudes que o constituem enquanto ser humano e indivíduo. A percepção de si é colocada em constante apagamento: a humilhação, a privação de objetos pessoais, a convivência em formato massificado e confinado, o controle da narrativa da vida privada do interno: tais fatores são fundamentais para o que Erving Goffman chamará de mortificação do eu<sup>29</sup>.

O poder de ser ouvido é algo que marca profundamente a narrativa de *Todos os cachorros são azuis*. Quando Rodrigo sai da clínica e começa a comungar o *Today*, é a primeira vez desde que fora internado na qual ele é efetivamente ouvido. O protagonista torna-se dotado de uma autoridade, de um respeito que, até então, aparentava desconhecer: “É engraçado ter ascensão sobre as pessoas. Ter o poder de falar e o outro fazer aquilo que você está pedindo”. Essa dimensão de si que é negada ao louco é reencontrada na ficção através de uma conexão com a fé — não a fé cristã, mas uma fé em si mesmo e no outro, no potencial de solidariedade. Rodrigo encontra essa voz quando se coloca enquanto sujeito através de sua escrita, é a literatura permite a existência dessa possibilidade. É uma via de expressão da própria loucura e uma forma de se construir, abraçando essa parcela do eu — não colocando o internamento como uma tragédia, como se tudo em Rodrigo pudesse ser resumido ao internamento, mas também sem romantizar a experiência do isolamento.

---

<sup>28</sup> PELBART, Peter Pál. **Da clausura do fora ao fora da clausura**: loucura e desrazão. Brasiliense, 1989. p. 37

<sup>29</sup> GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo, Ed. Perspectiva. 1974 [1961]. pp. 29 et seq. .

Se a loucura é uma ofensa à testemunha<sup>30</sup>, a loucura de Rodrigo será percebida em ambiente familiar e de convivência constante. Esse ambiente também tem demandas que envolvem o estado mental de Rodrigo. Ou seja, mesmo a “melhora” e a “cura” são objetos de disputa — o hospício tem uma concepção, os familiares uma outra. Não é sempre que essas narrativas da melhora convergem. Tais disputas tomam forma em relações que são cheias de contradições: ao mesmo tempo que Rodrigo, o protagonista, demonstra sentir amor pelos pais, também sente culpa por sua loucura e pela forma que age com eles, demonstra revolta com o internamento. Concomitantemente, o pai, responsável pelo internamento, chora, almeja uma “melhora” e, posteriormente, o expulsa de casa. Rodrigo se insere nesta experiência da modernidade, assume ela para si. Essas contradições são o que permitem que o personagem se consolide enquanto parte de uma humanidade moderna. O aturdimento, a confusão e a contradição que ilustra o “progresso”<sup>31</sup> (ou a melhora): todas estas feições da modernidade são parte do existir em um processo de internamento. Aliás, mais do que existir, viver.

---

<sup>30</sup> Ibid. p. 296

<sup>31</sup> “Existe um tipo de experiência vital — experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida — que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. Designarei esse conjunto de experiências como “modernidade”. Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor — mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambigüidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo o que é sólido desmancha no ar”.

BERMAN, Marshall. Introdução: Modernidade — Ontem, Hoje e Amanhã. In: **Tudo Que é sólido Desmancha No Ar: a Aventura Da Modernidade**. Companhia Das Letras, 2016.

## Parte II: Os tempos e os espaços

Em *Todos os cachorros são azuis*, Rodrigo desmantela aos poucos a distinção entre passado, presente e futuro, principalmente porque sua estratégia narrativa não se utiliza de parâmetros de cronologia linear. Ao construir seu personagem, o passado nunca é propriamente passado, é algo que constitui sua experiência como interno, como filho, como amigo e, por fim, como sujeito.

Navegar na trajetória de Rodrigo é como viajar através dos tempos, essa falta de distinção entre passado e futuro é, na verdade, parte da existência de Rodrigo. O primeiro capítulo, *Tudo ficou Van Gogh*, explora bastante essa relação não linear com o tempo: em um momento Rodrigo fala de quando tinha 15 anos e engolira um grilo pela primeira vez, em outro, fala de como terá (em um futuro) 35 anos no ano 2000. A não-cronologia do livro envolve uma relação de expectativa que está sempre dimensionada por uma *melhora* que nunca chega, porque a relação de Rodrigo com o tempo é pautada por sua loucura — é algo que se estende pelas demais instâncias de sua vida.

*Todos os cachorros são azuis* tem um encadeamento de ideias capaz de ilustrar as dimensões cruéis e tortuosas das leituras sobre os internamentos. Em sua narrativa, Rodrigo participa ativamente dos debates acalorados sobre o hospício, dando sua visão privilegiada através da ótica de seu personagem, em meio a uma linguagem absurdista e controversa. A loucura de Rodrigo não existe num local a-histórico, mas ele é disputado por diferentes tempos. Ele existe em tempos à parte. O louco é aquilo que não acompanha essa realidade coletiva e, dessa forma, está em um constante movimento de conflito: é disputado pelo passado e pelo futuro, mas não é desejado nessa dimensão do presente coletivo. Rodrigo descreve essas relações de violência que ecoam pelos tempos de forma muito lúcida, ele se utiliza de todo esse arcabouço teórico para direcionar a narrativa de sua experiência. De maneira generalista, o manicômio pode ser pensado como uma instituição capaz de controlar aspectos da vida pública e da vida privada do indivíduo ali internado. Não somente o sujeito é submetido a um norte moral específico, como também tem suas interações sociais controladas e delimitadas pelo médico tutor<sup>32</sup>. Esse tipo de fiscalização constante e regime de autoridade se pautam também no controle da percepção do tempo.

---

<sup>32</sup> GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo, Ed. Perspectiva. 1974 [1961]. pp. 115 et seq.

A título de comparação, durante a ditadura militar brasileira, o tempo tinha uma função estratégica essencial para os torturadores: era tomando essa dimensão do indivíduo que era possível sujeitar o interrogado às mais diversas situações de violência sem que houvesse um possível fim e sem que houvesse qualquer noção de quanto já havia sido suportado<sup>33</sup>. O tempo era uma posse e pertença ao torturador, reforçando sua autoridade e contribuindo para um clima de terror: o torturado não sabia quando o castigo físico viria (ou mesmo se viria). Essa arbitrariedade e imprevisibilidade também eram formas de violência, uma violência silenciosa capaz de dominar o espírito do sujeito<sup>34</sup>.

Apesar de não ser equivalente a uma sessão de tortura, as estruturas do internamento descritas por Rodrigo se solidificam de maneira semelhante — como, na verdade, diversas instituições brasileiras, que trabalham sob uma lógica intrínseca de violência. A noção de tortura não pode ser resumida às agressões físicas aqui, mas pode ser pensada como uma prática capaz de impactar física, psicológica, moral e espiritualmente o torturado — e, também, o torturador. A experiência da tortura e do internamento são similares em diversos pontos e ambas se consolidam a partir de uma formação violenta da base social. Entretanto, a intenção desta comparação é somente pensar o internamento como um trauma, evidenciando as relações opressivas que a circundam.

Como explica Karl Scholhammer, a violência teve em nossa formação social um papel fundamental, constitutivo. O que resta da ditadura com ênfase, em “Censura-violência”, a sucessão de episódios sanguinolentos que compõe o que chamamos de história do Brasil. Como nosso processo histórico é marcado pelos dois traumas constitutivos, a violência exploratória colonial e a crueldade escravocrata, no Brasil os regimes autoritários tiveram, no período republicano, facilidade de instalação e permanência. As ditaduras latino-americanas, incluindo a brasileira, conforme palavras de “Imaginando ditaduras”, estudo de Tzvi Tal, neutralizaram movimentos populares através de “mecanismos de repressão, intimidação, cooptação e eliminação física da oposição”.<sup>35</sup>

Trata-se de uma naturalização de uma violência basilar que permeia o imaginário social brasileiro. O ato de crueldade torna-se inato e necessário, sendo que, desta maneira, mesmo ocorrências corriqueiras tornam-se alvo de um sentimento de ameaça: Rodrigo sente-se como *entulho humano*<sup>36</sup> e, mesmo quando tenta resgatar o olhar para a beleza e singularidade das coisas, acaba sendo constrangido (a exemplo disso, quando, na narrativa,

---

<sup>33</sup> JOFFILY, Mariana. “O tempo”. In: No centro da engrenagem: os interrogatórios na operação bandeirante e no DOI de São Paulo, 1969-1975. Arquivo Nacional, 2013, passim.

<sup>34</sup> Ibid.

<sup>35</sup> GINZBURG, Jaime. Escritas da tortura. In: SAFATLE, Vladimir; TELES, Edson (orgs.). **O que resta da ditadura?** São Paulo: Boitempo, 2010, p. 135 - 136

<sup>36</sup> LEÃO Rodrigo de Souza. **Todos os cachorros são azuis**. 7Letras, 2010. p. 29

tenta levar uma flor para seu quarto, na solitária e o enfermeiro o constrange<sup>37</sup>). O autor e o protagonista ironizam constantemente os aspectos de agressão e opressão que acometem ao narrador, promovendo uma sensação de desconforto ao leitor. A exemplo, Rodrigo utiliza-se de um famoso trecho da música Baader-Meinhof Blues, da banda Legião Urbana (algo que soa familiar para os ouvidos de quem cresceu nos anos 80 no Brasil, como é o caso do autor), ironizando as agressões asilares: “*A violência é tão fascinante e nossa vida tão normal. Falo de um tipo específico de violência. Tudo pode ser violento. Mesmo Deus*”<sup>38</sup> (grifo meu).

A História do Brasil conta com alguns encontros entre a tortura e a internação psiquiátrica, sendo um deles no Hospital Colônia de Barbacena. Diversas pessoas foram rebaixadas à condições desumanas, em uma zona que (tal como o próprio DOI-CODI) trabalhava no limiar da legalidade<sup>39</sup>. Incontáveis foram os desaparecidos pelo hospital e também as pessoas que passaram anos e anos abduzidas num tratamento infundável, tendo até mesmo seus corpos vendidos à universidades, privadas de estudo, trabalho e quaisquer outros aspectos de dignidade — inclusive na morte<sup>40</sup>.

No hospício, autoridade médica é o que define os horários de alimentação, de interação social, de caminhada ou de sono do interno<sup>41</sup> e, assim, ela pode se caracterizar de forma semelhante ao agente repressivo, já que é ela quem detém o tempo do internado. A tomada do tempo é também a extração de uma percepção de individualidade que não se solidifica sem o aspecto da vigilância. A equipe médica tem portanto a atribuição da vigilância e da manutenção desse controle, sendo muitas vezes um agente repressivo no contexto manicomial: “A única hora em que eu saía do cubículo era na hora das refeições. Mas tinha um enfermeiro que não tirava o olho da turma nenhum minuto”<sup>42</sup>.

A loucura, quando encarcerada, já representa, em si mesma, uma forma atípica de interação com o tempo, pois a elaboração do passado e as expectativas são circunscritas pelas limitações da instituição de internamento. As experiências tornam-se algo com um objetivo material muito abstrato: uma melhora. Enquanto isso, as expectativas rodeiam a liberdade, a saída do internamento. Isso não quer dizer que a instituição seja totalizante ao ponto de não

---

<sup>37</sup> Ibid, p. 18.

<sup>38</sup> Ibid, p. 53.

<sup>39</sup> JOFFILY, Mariana. “O tempo”. In: No centro da engrenagem: os interrogatórios na operação bandeirante e no DOI de São Paulo, 1969-1975. Arquivo Nacional, 2013, passim.

<sup>40</sup> ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. Genocídio: 60 mil mortos no maior hospício do Brasil. Geração Editorial, 2013. Leitura adaptada

<sup>41</sup> GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo, Ed. Perspectiva. 1974 [1961]. p. 69 - 84

<sup>42</sup> LEÃO Rodrigo de Souza. Todos os cachorros são azuis. 7Letras, 2010. p. 24

estabelecer objetivos diários ou de ser impossível a criação de laços afetivos durante os internamentos (além disso, há possibilidades de espaços de liberdade e resistência, como serão discutidos mais adiante), no entanto, como todas as instâncias da vida do indivíduo passam a ser parte dessa instituição (não existe uma dimensão de vida pública, de trabalho, de vida privada), a relação com os objetivos e com o futuro é abduzida pela instituição.

O protagonista Rodrigo é constantemente sedado, e chega a ser exposto a constrangimentos de cunho sexual e relacionados a sua imagem. A tortura e o internamento consistem ambos em um trauma, onde o sujeito perde sua subjetividade e é colocado neste local silencioso: não pode ser ouvido, não pode falar, simplesmente não é. É subalternizado a um ponto que não é considerado cidadão.

Ao deixarmos de lado os paradigmas positivistas e a noção de progresso evolutivo, e encararmos o processo histórico sob a perspectiva do trauma, tomando a categoria originária da psicanálise, temos de rever nossas concepções habituais de representação, memória e narração. Como explica o autor [Márcio Seligmann-Silva], ver a história como trauma coloca em questão a própria possibilidade de elaborar uma representação, pois o trauma é, por definição, algo que evitamos lembrar, evitamos reencontrar, pelo grau intolerável de dor que a ele se associa.<sup>43</sup>

O retorno às atividades diárias por si só passa a ser desafiador: ter autonomia financeira e gerir o próprio dinheiro, escolher o que comer, ter crenças ou não<sup>44</sup>. Essas dimensões da humanidade do indivíduo passam a existir perante a sociedade e exercê-las pode ser, em si só, um ato conturbado. Quando Rodrigo finalmente sai do hospício, sua forma de interagir com o fora também se modifica, trivialidades do dia a dia são tratadas como o mais concreto ato de liberdade, já que há uma ruptura fulcral com sua identidade anterior.

•

Pode-se perceber a perpetuação da instituição psiquiátrica como uma fonte de repressão, de violência, mesmo que não intencionalmente. Os hospícios carregam uma dimensão que incide diretamente no imaginário da loucura: o arquétipo de solidão, de isolamento, de não interação. A existência dessa conotação permeia não somente o

---

<sup>43</sup> GINZBURG, Jaime. Escritas da tortura. In: SAFATLE, Vladimir; TELES, Edson (orgs.). **O que resta da ditadura?** São Paulo: Boitempo, 2010, p. 133

<sup>44</sup> A exemplo disso, Daniela Arbex conta a história de Sônia Maria da Costa, que foi internada no Hospital de Barbacena e teve de reaprender a viver enquanto sujeito. “Precisariam se acostumar ao privilégio da individualidade. Ter seu próprio sabonete e toalha era uma grande novidade. (...) Era a primeira vez que teriam algo seu.”

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**. Genocídio: 60 mil mortos no maior hospício do Brasil. Geração Editorial, 2013. p. 53

imaginário daqueles que são internados, mas funciona também de maneira a docilizar aqueles que não são internados. Esse arquétipo é o que constrói a imagem do louco como alguém distante, que existe somente nesse lugar à margem.

No século XIX, uma política de higienização e urbanização tomou conta da cidade do Rio de Janeiro. Os pobres, negros e mulheres que não se enquadrassem na ordem social começaram a ser percebidos como foco de contágio e, portanto, precisavam ser realocados<sup>45</sup>. A cidade foi reformada, os bulevares foram se abrindo, tornando a cidade mais ampla e facilitando, arquitetonicamente, o contingenciamento das ditas *classes perigosas* (segundo Sidney Chalhoub, a definição abrangia em sua origem quem já havia sido preso ou que tinha como aporte de sobrevivência atributos à margem da lei)<sup>46</sup>. Replanejando a cidade arquitetonicamente, a loucura, que tem uma conotação moralizante, passa também a ser um advento de autoridade do Estado perante a liberdade do indivíduo. O louco passa a ser visto, portanto, como pertencente ao hospício e, em uma dimensão geográfica e imaginária, seu lugar na cidade (e, portanto, como cidadão) deixa de existir<sup>47</sup>.

A partir de 1830, a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro lançou a expressão “Aos loucos o hospício”, que denunciava a periculosidade do louco, mas também o seu inadequado destino nas prisões, e propunha a sua reclusão em um espaço apropriado. Constata-se que a reclusão se destinava à massa marginal dos loucos pobres, já que os ricos poderiam ser mantidos em isolamento em quartos fechados nas próprias casas, aos cuidados de sua família. Portanto, o principal alvo da polícia médica era a população desviante que se avolumava pelas ruas da cidade.<sup>48</sup>

À medida que a cidade ao nosso redor se transformou, no entanto, as possibilidades de internamentos também se remoldaram. Ao condicionar a cidade a cada vez mais unidades de confinamento e retificar o motor urbano das relações, a sensação de solidão e isolamento é uma constante da loucura que se espalha através dos outros campos de interação social possíveis. A loucura se reclassifica de um mecanismo de controle social para um atributo de saúde mental e os tratamentos se reconfiguram de uma internação manicomial para um contexto de interação social e comunitária — não efetivamente modificando o sistema mas reconduzindo suas discussões<sup>49</sup>.

---

<sup>45</sup> CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Espelho Do Mundo: Juquery, A História De Um Asilo**. Paz E Terra, 1988, p. 32

<sup>46</sup> CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. Companhia das Letras, 2017, passim. p. 21.

<sup>47</sup> VIECELI, Ana Paula. **Lugares da loucura : arquitetura e cidade no encontro com a diferença**. UFRGS, Porto Alegre, 2014. p 15

<sup>48</sup> Ibid, p. 68.

<sup>49</sup> Ibid, p. 229.

Dessa maneira, a força geratriz da cidade é negada. Negam-se o encontro, as relações que brotam dele, as trocas – não só comerciais, mas principalmente trocas de olhares, de toques, de palavras, de ideias e de substâncias – e, no lugar disso, introduzem-se meios que possibilitem o contato a distância enquanto se habita espaços artificiais e homogêneos. (...) Dessa forma, a vocação da cidade se inverte: ao invés de produção de relações ela se torna em função das relações de produção. Essa simplificação da vida na cidade impossibilita percebê-la além da sua mineralidade: é a pedra sem o corpo. O que a cidade ganha em robustez material perde em fragilidade corporal, perde assim o seu próprio sentido.<sup>50</sup>

É um desafio encontrar-se em meio a este turbilhão: perante as mudanças de relação da cidade, as clínicas de internamento parecem manter a mesma dinâmica de tratamento. Existe um reconhecimento intelectual e político mobilizado em diversas instâncias sociais sobre a multiplicidade das loucuras e acerca das novas possibilidades de tratamento, mas pouco é realizado de efetivo no que tange a modificações práticas nas novas instituições de internamento.

Com um novo objeto, surge também uma nova problematização a caminho da singularização: ao invés da cura buscar a emancipação, ao invés da reparação proporcionar a reprodução social. A desinstitucionalização se empenha na criação de oportunidades e possibilidades para o louco. Nesse caso não há necessidade de ambulatórios, mas sim de laboratórios, no sentido de produção, de experimentação, de inovação. Colocar a doença entre parênteses não significa negá-la, e sim dar lugar à existência da pessoa.<sup>51</sup>

Nesse sentido, cabe questionar o que inspira a dinâmica do internamento perante este novo modelo de cidade. Se tomarmos *Todos os cachorros são azuis* como direcionamento para esta discussão, é possível identificar o papel das *drogas* na relação com os novos internos: a loucura se confunde com um suposto vício e ambos são passíveis de um isolamento ainda maior dentro da cidade. A relação entre o vício e a loucura consolida toda uma outra cadeia de abordagem que excedem o espaço deste artigo. No entanto, para fins explicativos, é razoável pensar no consumo de drogas como um prosseguimento de uma política de higiene, que também mobiliza forças policiais e um discurso patologizante.

Em síntese, a internação compulsória de dependentes químicos também não se sustenta com base na suposta proteção do usuário, devendo ser rejeitada pelos seguintes motivos: 1) a história da medicalização forçada demonstra uma prática higienista contra as classes menos favorecidas, representando uma política de segregação social; 2) o argumento da cura, na verdade, esconde uma ação política de gestão das desigualdades sociais, que seletivamente serve para (re)produzir uma punição e uma ética interessante ao poder instituído; 3) o entendimento de vanguarda sobre o tratamento tanto de loucos quanto de toxicodependentes preza pela lógica não institucionalizante, aderindo ao movimento antimanicomial e ao modelo da nova Lei de Reforma Psiquiátrica. 4) a internação compulsória não se mostra eficaz para

---

<sup>50</sup> Ibid, p. 225.

<sup>51</sup> Ibid, p. 133.

reduzir o uso de drogas, havendo atualmente outras formas de tratamento mais relevantes e que prezam pela autonomia do dependente químico.<sup>52</sup>

No que diz respeito a esta nova política higienista, Rodrigo a menciona apenas de maneira sutil e indireta, mas ela se soma ao caráter de denúncia de sua obra, de forma lúcida sobre seus efeitos e interesses (“O grande mal das clínicas é que elas misturam os doentes”<sup>53</sup>). *Todos os cachorros são azuis* visa comunicar outra dimensão do hospício e da política de higienização: é de dentro das paredes do hospício que Rodrigo consegue manifestar a *sensação* de estar em uma prisão, de sentir culpa e de ser taxado enquanto uma *classe perigosa* no século XXI. É de dentro do hospício que ele anseia por uma mudança sistemática, algo que abarque os “casos sem solução”.

Rodrigo comenta que havia ficado na pior área do hospício em outra ocasião que havia sido internado<sup>54</sup>. O que mais interessa, em verdade, é a forma com a qual ele se referiu a esta área: “Carandiru”. O Massacre do Carandiru foi uma chacina ocorrida na Casa de Detenção de São Paulo, na qual vários dos presos foram assassinados a fim de conter uma revolta por direitos prisionais. Essa alusão não somente faz referência a esta relação de culpabilização do louco, mas também reforça sua atribuição de *classe perigosa*.

•

A tragédia na experiência da loucura se dá no olhar distante, no olhar da cidade e nos rituais de exclusão que se consolidam, violentamente, no encarceramento<sup>55</sup>. Esse olhar não é somente desinteressado, ele ativamente busca se afastar da loucura. Existe um embaraço, uma vergonha diante da loucura e de sua linguagem. Esse fechar os olhos e encaminhar os loucos à uma existência permanentemente errante e marginal é o que abre os caminhos das clínicas de internamento hoje, desde as famigeradas Nau dos loucos, as quais Foucault<sup>56</sup> bem explorou: o olhar envergonhado que desvia a loucura para os cantos obscuros da cidade e entrega a ela um não-lugar, uma estrutura distante, isolada e vazia.

O não lugar físico que a loucura adquire como significado é o caráter de exclusão, privação de lugar e espaço para o indivíduo na comunidade. Esse lugar

---

<sup>52</sup> LEMOS, Clécio. **Tratamento compulsório: Droga, loucura e punição**. Sistema Penal e Violência, PUCRS, v. 5, n. 2 (2013), p. 332.

<sup>53</sup> LEÃO, Rodrigo de Souza. **Todos os cachorros são azuis**. 7Letras, 2010. p. 29

<sup>54</sup> Ibid, p. 21.

<sup>55</sup> FOUCAULT, Michel. **A grande estrangeira: sobre literatura**. Trad. Fernando Scheibe. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 36-39

<sup>56</sup> FOUCAULT, Michel. **História da loucura: na idade clássica**. Perspectiva, 2008, passim.

entre esse lugar nenhum ao qual o louco era destinado, abre o caminho para o que veio a ser efetivamente o lugar da loucura no período seguinte: o internamento.<sup>57</sup>

Em *Todos os cachorros são azuis* existem delimitações espaciais, que fortalecem o senso hierárquico e a própria violência que o espaço exerce: há a solitária, onde o protagonista é colocado a priori, há o hospício e os quartos “comuns”, nos quais os internos podem interagir uns com os outros e, também, há o fora, a cidade — carregando em si o paradigma de uma dita normalidade que, como visto, se estabelece cada vez mais através do isolamento. Essas instâncias que picotam o sentimento de pertença constituem a parte da violência do internamento: mais do que promover o isolamento, ele sabotava as chances de conexão relacional. Mesmo sendo um local “limpo e bonito”, como o autor descreve, ainda é um espaço mórbido, que remete à morte.

Havia muitas flores em toda clínica. Era um lugar bonito. Por isso digo que hospícios são lugares tão bonitos que lembram cemitérios. Aqueles cemitérios onde há enormes jardins.<sup>58</sup>

A célula “solitária” é onde o protagonista inicia sua jornada. Essa restrição do espaço, ou “o cubículo”, como o autor denomina, concebe também uma noção de castigo e liberdade dentro do próprio hospício. Ou seja, o louco é colocado na solitária como uma punição por seus atos de loucura, instituindo assim uma culpa pelos atos cometidos. Mesmo dentro do hospício, se constrói uma hierarquia: o louco da solitária é mais louco, menos humano que o louco que convive fora do cubículo. Ao sair do cubículo, Rodrigo enfatiza essa relação desproporcional:

Foi como mergulhar. Finalmente me tiraram do cubículo. Eu passava agora como igual entre iguais. (...)

Eu me sentia livre como uma borboleta dando seu primeiro voo. Eu sabia que aquele era o primeiro passo para sair daquele lugar<sup>59</sup>

O hospício no século XIX era, em geral, uma instituição pública, na qual o próprio Estado tinha poder para atribuir-lhe determinados casos (ou não), principalmente sendo ela parte de seu aparelho burocrático, validada pelas burguesias locais<sup>60</sup>. No tempo presente, há diversas instituições que são privadas ou híbridas (inclusive a em que o personagem de *Todos os cachorros são azuis* foi internado) mas que implicam afinal em uma noção de lucro

---

<sup>57</sup> VIECELI, Ana Paula. **Lugares da loucura : arquitetura e cidade no encontro com a diferença**. UFRGS, Porto Alegre, 2014. p 42.

<sup>58</sup> LEÃO Rodrigo de Souza. **Todos os cachorros são azuis**. 7Letras, 2010. p.53

<sup>59</sup> Ibid. p.33

<sup>60</sup>CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Espelho Do Mundo: Juquery, A História De Um Asilo**. Paz E Terra, 1988, p. 37

atrelada ao adoecimento psíquico. Rodrigo chega a evidenciar tal concepção: “(...) Imagina se eu fosse um funcionário do hospício? Deve ser muito difícil lidar com toda aquela *clientela*, com gente de todo tipo”<sup>61</sup> (grifo meu).

Assim, a saúde mental deixa uma questão de soberania do Estado e de controle da vida dos habitantes de forma imperativa, mas é também uma questão mercadológica. A instituição total (ou o que é perpetuado dela), sob a égide do assistencialismo, é capaz de retirar as classes “perigosas” das ruas e simultaneamente gerar um novo mercado: o do adoecimento psíquico. Ainda existe uma relação íntima com o Estado, já que essas instituições são o centro deste movimento dialético entre a sociedade liberal e o enclausuramento daqueles que ameaçam uma ordem social<sup>62</sup>.

Esse movimento retoma uma noção punitiva que se associa à lógica criminológica<sup>63</sup>, remetendo ainda à culpa cristã que o louco carrega por sua loucura. É justamente essa dialética que torna a repressão e a violência aos loucos um direito<sup>64</sup>, uma autoridade que se autodenomina justa, já que além de assistir o louco, ela também constrói e consolida as estruturas sociais hegemônicas pautada no direito da razão<sup>65</sup>. Essa justiça se fortalece na concepção organicista da autoridade médica, ela conclama o louco como uma consequência de ausências: a desrazão, a desordem, o descontrole e, por fim, coloca-se enquanto uma alternativa. A equipe psiquiátrica, portanto, se evidencia como a portadora de tudo aquilo que o louco carece, escancarando as portas do tratamento moral.

---

<sup>61</sup> LEÃO Rodrigo de Souza. **Todos os cachorros são azuis**. 7Letras, 2010. p.24

<sup>62</sup> CASTEL, Robert: **A Ordem Psiquiátrica - A idade de Ouro do Alienismo**. Rio de Janeiro: Graal, 1978, p. 72 - 75

<sup>63</sup> Ibid, p. 75.

<sup>64</sup> Ibid, p. 89.

<sup>65</sup> Ibid, p. 89.

### Parte III: Literatura como espaço de liberdade

Rodrigo acaba por retomar muitos aspectos de um internamento tipicamente asilar nos moldes do século XIX, numa visão quase heróica do louco que resiste às violências cotidianas: as amarrações, humilhações, abusos morais. No entanto, existe uma multiplicidade para sua personagem que dá profundidade à obra: sua contundente autopercepção é desconcertante, já que ela não se resume à loucura, mas também perpassam seus percalços familiares, sexuais e seu amor pela arte.

Abriu um belo arco-íris que só eu via através de uma janela ao longe, bem ao longe. Aquele dia eu chorei por estar sozinho, chorei por não ter um emprego. Chorei por não ter uma mulher. Chorei por não ter filhos. Chorei por não ter uma família. Chorei por ter 37 anos de idade e ainda viver como um adolescente.<sup>66</sup>

O louco é com frequência definido por aquilo que não é, como uma ausência de razão, de uma determinada socialização ou de moral. No trecho acima, Rodrigo se percebe enquanto alguém distante das expectativas de normalidade, e enquanto diversas coisas que ele não é. No entanto, se a loucura é um conjunto de ausências, o louco se identifica pelo vazio, ao ter seu tempo tomado de si e ser enclausurado. Pensar o louco enquanto uma ausência de qualquer segmento é colocá-lo como alguém abaixo do ser humano, distante das contradições e dos conflitos que constituem a condição humana, como uma existência a-histórica<sup>67</sup>. Roubar a historicidade do louco e colocá-lo em um local que diminui a pluralidade de sua existência é parte de um regime de extrema violência, já que ameaça em diversos segmentos a possibilidade de autoconhecimento e de interações sociais que não se resumem à loucura (porque nem o próprio louco pode ser resumido à sua loucura). Segundo Peter Pál Pelbart (1984):

“(...) Os que não produzem, não formam, não comunicam, não têm lugar — a esses nós chamamos de loucos. A conclusão se impõe: ausência da obra vale como critério-limite para discriminar o produtor do improdutivo, o estruturado do desmanchado, o existente do desistente, o são do insensato.”<sup>68</sup>

A linguagem da loucura desorienta o ordenamento social, ela remete ao vazio, ao solitário, àquilo que não é<sup>69</sup>. O discurso médico impõe à loucura a criação de um código próprio e no internamento observa-se a destituição de sua própria linguagem. O doente não

---

<sup>66</sup> LEÃO Rodrigo de Souza. **Todos os cachorros são azuis**. 7Letras, 2010. p.24

<sup>67</sup> PELBART, Peter Pál. **Da clausura do fora ao fora da clausura**: loucura e desrazão. Brasiliense, 1989. p. 173 - 174

<sup>68</sup> Ibid.

<sup>69</sup> FOUCAULT, Michel. **A grande estrangeira: sobre literatura**. Trad. Fernando Scheibe. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 50.

pode ser o que é, é impedido de ser enquanto sujeito, deve se submeter à linguagem hospitalar, às reivindicações psiquiátricas para, assim, reconstituir-se distante do encarceramento. Ao mesmo tempo que esse discurso psiquiátrico é limitante, existem alternativas capazes de dar sentido à vida social da pessoa louca. No caso de Rodrigo, a arte foi o que deu sentido à sua vida e foi sua maneira de comunicar-se com o mundo e retomar seu tempo, inserindo-se enquanto sujeito nesse panorama:

A vida dele era a literatura, a linguagem – como ele se comunicava com o mundo e organizava a mente dele. Toda a liberdade que a poesia permite dialogava com a loucura que ele vivenciava. A literatura foi o passaporte dele para o mundo”, finaliza o curador que quer publicar ainda *Brincar de Viver* (infantil dedicado à sobrinha), reunir as entrevistas que ele fez e lançar todos os inéditos, ainda não negociados com a nova editora - como *A Cabeça do Poder*, *Objeto Abjeto*, *Pataquada* e *Memórias de Prepúcio*, entre outros.<sup>70</sup>

Rodrigo não foi a primeira nem a última pessoa em sofrimento psíquico a encontrar nos dilemas da arte e na expressão artística uma alternativa para se construir enquanto sujeito e retomar seu tempo. A exemplo, há o Museu do Inconsciente, consolidado como um espaço de estudo e pesquisa sobre a esquizofrenia por iniciativa de Nise da Silveira, sendo também um pólo de produção artística de pacientes esquizofrênicos. Pelbart (1984) também contrapõe a imagem do louco como uma pessoa improdutiva, comentando sobre diversos artistas visuais e escritores:

A essa evidência se contrapõem duas séries de objeções. A primeira: 1) Não se vê por todos os lados grandes obras de grandes loucos? Não estão aí Hölderlin, Nerval, Artaud, Lautréamont e Van Gogh para atestá-lo? 2) Não vemos com frequência cada vez maior exposições feitas por instituições manicomiais que testemunham a vitalidade e criatividade até de pacientes cronicados por anos de hospitalização? (...) 3) Quem conhece de perto o cotidiano das clínicas psiquiátricas e o trabalho de certos profissionais da área (principalmente os terapeutas ocupacionais) sabe perfeitamente que as afirmações sobre a improdutividade da loucura não têm fundamento.<sup>71</sup>

Todas as loucuras passam pelo crivo da linguagem para existirem na materialidade, mas nem todas essas linguagens terão significação literária (ou mesmo objetivação artística por assim dizer)<sup>72</sup>. É relevante abrir as portas do inconsciente e se permitir a imaginação,

---

<sup>70</sup> RODRIGUES, Maria Fernanda. **Obra de Rodrigo de Souza Leão, morto há 10 anos, muda de editora - que vai publicar sua poesia**. O Estado de São Paulo, 29 de junho de 2019. Cultura. Disponível em <<https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura.obra-de-rodrigo-de-souza-leao-morto-ha-10-anos-muda-de-editora-que-vai-publicar-sua-poesia.70002894523>>. Acesso em 20/10/2019

<sup>71</sup> PELBART, Peter Pál. *Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão*. Brasiliense, 1989. p. 173 - 174

<sup>72</sup> FOUCAULT, Michel. **A grande estrangeira: sobre literatura**. Trad. Fernando Scheibe. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 54-57

Nise da Silveira dá ênfase à relevância da expressão do caos do imaginário através das imagens, da pintura<sup>73</sup>. Vejo que essas linguagens (a literatura e a pintura), no entanto, dialogam profundamente entre si. Ambas têm potência de carregar as linguagens da loucura, ambas permitem a imaginação de um novo lugar, ambas dão espaço e vazão ao inconsciente, aos desejos, às fantasias.

Toda pessoa faz uso das linguagens da loucura<sup>74</sup>. Vejo o uso das linguagens da loucura como uma maneira de usar as ficções metodológicas. É somente através de momentos da dita desrazão que a vida pode encontrar um sentido supostamente racional. A realidade não é (ou não deveria ser) em si mesma auto-suficiente, ela existe também por causa do imaginário, do irreal, da fantasia. Ter a possibilidade de brincar com esses limites entre a fantasia, a imaginação e o real, o material é algo convidativo na escrita. Ao fantasiar algo, não necessariamente há um vínculo ou um elo social, ela [a fantasia] existe como uma realidade em si mesma. No entanto, ao transformar o imaginário em uma obra literária, em várias dimensões, a fantasia é trazida para a materialidade, ela existe como arte em um âmbito coletivo.

Segundo Foucault, as funções da escrita na literatura de Sade (e aqui, ousou dizer, em boa parte da literatura moderna) estão muito ligadas a uma materialização do desejo. É nela que é possível apagar os limites do tempo: o movimento temporal ganha dimensões completamente diferentes e diversas. A literatura, por abrir estas outras dimensões temporais, permite a imaginação de um novo lugar, um lugar real. Não melhor nem pior, mas um lugar em que o sujeito pode encontrar sua verdade, seu movimento, reorganizar-se, ou seja, reapropriar-se de seu tempo.

Nise da Silveira comenta a existência de um predomínio da abstração, da não-forma, do geometrismo e da estilização nas obras feitas pelos internos do Engenho de Dentro<sup>75</sup>. A escrita de Rodrigo funciona de maneira semelhante, com uma esfera de influência que tangencia da sociedade dita racional até os arquétipos mais profundos da loucura e esquizofrenia. Através da linguagem absurdista, em momentos abstrata, Rodrigo se utiliza de diferentes técnicas e toma consciência de sua loucura, apropriando-se dela, dando nome à ela, convivendo com ela.

---

<sup>73</sup> SILVEIRA, Nise da. **Imagens do Inconsciente**. Empresa editorial Alhambra, Rio de Janeiro, 1981.p. 13 - 14

<sup>74</sup> Ibid.

<sup>75</sup> Ibid. p. 17

É importante evidenciar aqui que este trabalho não é somente uma discussão teórica acerca da loucura. Mas é também fruto da vida e obra de Rodrigo de Sousa Leão, de suas contradições e de sua grande lucidez no que tange sua própria esquizofrenia. Rodrigo carrega consigo o peso de um poeta moderno, cheio de incertezas, vendo o turbilhão de acontecimentos que o circunda com muita clareza, imerso nas contradições de uma modernidade que não vê novidades surgindo ao horizonte.

O texto de Rodrigo retoma a existência do alienismo clássico nas clínicas de internamento contemporânea, insubordinando-se contra o silenciamento<sup>76</sup> e as ausências que costumam ser o aporte de definição do *louco*. Sua biografia e sua ficção, que coexistem de forma tempestuosa no espaço de seus livros<sup>77</sup>, assumem tons de denúncia que subvertem o silenciamento e são capazes de criar um espaço intocável — um espaço de *autoenunciação*<sup>78</sup>.

Segundo Foucault, tomar consciência da loucura é algo análogo à morte<sup>79</sup>, já que é um motor ambíguo — que coloca aquele que escreve em um lugar de composição de si extremamente solitário. No entanto, a literatura é um mecanismo para se pensar historicamente e de colocar-se dessa maneira. É uma maneira de pensar presente, passado e futuro, além de ser uma interlocução entre tais conceitos. Tomar consciência da loucura pode ser, afinal, uma alternativa para viver, para construir um eu. A literatura é de várias formas rejeitada como uma forma de pensar historicamente ou de fazer História, no entanto, é nela que a História encontra sentido.

---

<sup>76</sup> SÁ, Juliana.; CAVALHEIRO, Juciane. **As formas do eu na ficção de Rodrigo de Souza Leão**. Revista Criação & Crítica, n. 13, p. 138-149, 12 dez. 2014. p. 143

<sup>77</sup> Ibid. p. 144

<sup>78</sup> Ibid. p. 143

<sup>79</sup> FOUCAULT, Michel. **A grande estrangeira: sobre literatura**. Trad. Fernando Scheibe. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 36.

#### Parte IV: Gestação e parto

A *morte do autor*, sendo uma discussão recorrente nos estudos literários, implementa a noção de que a linguagem é a principal ênfase analítica para a literatura, de que ela deve ter significação em si mesma e que a intenção do autor não é um critério definitivo no que tange ao entendimento da obra. Dessa forma, a atenção desloca-se de um frio entendimento<sup>80</sup> do texto como algo intencional, positivo, racional e quase *factual* para uma contemplação da obra em suas multiplicidades.

A palavra não pode ser abafada, não pode ser determinada pelo recurso ao autor, pois a "morte do autor" é um lema que a crítica moderna pode agora, confiantemente, proclamar. A biografia do autor é, afinal de contas, apenas um outro texto, ao qual não é preciso atribuir nenhum privilégio especial: também esse texto pode ser desconstruído. É a linguagem que fala na literatura, em toda a sua complexa pluralidade 'polissêmica', e não pelo autor. Se há algum lugar em que essa fervente multiplicidade do texto é momentaneamente focalizada, não é no autor, mas sim mas sim no *leitor*.<sup>81</sup>

Porém, ao se tratar da obra de Rodrigo de Souza Leão, faz-se preciso enfatizar o caminho contrário à maior parte das obras que é feito por ele: não somente ele, autor, constrói uma ficção — mas a ficção o constrói. A dubiedade, a confusão, as fortes relações e a própria linguagem da loucura utilizadas são capazes de direcionar o leitor a uma construção de algo que ultrapassa a obra: o texto, no caso, é quase uma autodeclaração.

Mais do que *na sala de reanimação*<sup>82</sup>, como afirmado na metodologia deste artigo, o autor se gestou para nascer como sujeito através de sua obra. Não que não fosse um indivíduo, com as contradições e ambiguidades tipicamente humanas antes de sua obra ser dimensionada, no entanto, ela é uma questão de sobrevivência e *autoenunciação*. A obra só existe por causa de Rodrigo, mas Rodrigo só existe devido à obra. O binômio da existência/vida vai circundar o livro de diversas formas, a exemplo do que o próprio Rodrigo de Souza Leão acreditava: ver suas obras como portais para a eternidade, para que elas vivam para o além dele mesmo.

O autor não é somente *gestado* em uma dimensão metafísica, mas também existem marcos dessa construção no decorrer da obra. Ao retomar sua infância, Rodrigo se gesta

---

<sup>80</sup>COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Belo Horizonte, UFMG, 1999, P. 49 - 50.

<sup>81</sup> EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Martins Fontes. São Paulo, 2006. p. 207 e 208

<sup>82</sup> SÁ, Juliana.; CAVALHEIRO, Juciane. **As formas do eu na ficção de Rodrigo de Souza Leão**. Revista Criação & Crítica, n. 13, p. 138-149, 12 dez. 2014. p. 140

enquanto personagem e enquanto autor. Rodrigo transcreve uma construção da personagem, da qual as vozes (que são diversas) se confundem: o narrador, a testemunha e o autor se redimensionam uns aos outros.

Todo ser — por mais escroto que seja — teve infância, teve adolescência. Como é que estes fatos repercutem na vida adulta? Será que minha infância definiu quem eu ia ser? Era um menino quieto. O olhar perdido. Às vezes me pergunto, por ter tantos problemas, se meus pais não esconderam nada de mim. Não fiz troca-troca. Não fui currado. Namorava uma garota bonita. Tinha tudo o que eu queria. Por que o destino tinha feito aquilo comigo? Como foi a infância de Hitler?<sup>83</sup>

Rodrigo utiliza-se dessa confusão quase de maneira intencional. É através de uma ambivalência que consegue se interpor enquanto pessoa: ele mesmo é mais que uma voz uniforme falando em um discurso coerente. Isto posto, importa ressaltar a relação *metalinguística* (se assim posso chamá-la) que se interpõe no livro: é uma literatura que se apropria da *linguagem da loucura* e é justamente a loucura o que dá sentido à narrativa.

Para além deste, numerosos são os registros de índices discursivos (pronomes, predicativos e prenomes) que mobilizam o juízo do leitor em direção a lastros biográficos, como modo de (re)conduzi-lo à figura emblemática do autor/escritor. A estratégia de fuga do parâmetro biográfico, então, é montada: para se omitir da reivindicação de uma existência natural que deva corresponder ao fictício, o autor/escritor investe na criação de uma personalidade literária – inventada a pretexto da representação, não necessariamente como suporte para o personalismo –, o autor ou vice-versa.(...)<sup>84</sup>.

---

<sup>83</sup> LEÃO, Rodrigo de Souza. **Todos os cachorros são azuis**. 7Letras, 2010. p. 76

<sup>84</sup>SÁ, Juliana.; CAVALHEIRO, Juciane. **As formas do eu na ficção de Rodrigo de Souza Leão**. Revista Criação & Crítica, n. 13, p. 138-149, 12 dez. 2014. p. 140

## Conclusão

Pensar acerca da obra de Rodrigo de Souza Leão é uma oportunidade de revisitar questões sociais como o internamento e o alienismo através de uma perspectiva nova e arejada. À vista disso, são indissociáveis a forma e o conteúdo de sua produção, seu uso da linguagem é necessário para compreender o sentimento do internamento, já que existe um paradigma afetivo e sentimental que circunda sua obra e sua relação com a dimensão patologizada da loucura.

Há uma série de abordagens sobre o livro que extrapolam ainda o espaço deste artigo: a possibilidade de falar sobre a representação da loucura no âmbito midiático, a questão das drogas e da loucura em sua obra, o tratamento asilar e a questão da tortura no Brasil — entre outras questões que não me são possíveis de imaginar. No entanto, perceber a escrita de si de Rodrigo como uma potência imaginativa e que abre espaços para repensar as dinâmicas de internação do século XXI evidencia a possibilidade de se reapossar das dinâmicas temporais de si e se constituir enquanto sujeito.

A literatura também propicia uma retomada memorial: torna aquilo que não se deseja ser lembrado — um trauma — objeto de atenção e detalhamento, além de possibilitar ao imaginário explorar as possibilidades de mundo. Ela pode ser um espelho, para onde olhamos para uma ficcionalização do que há ao nosso redor e pode também criar um novo espaço distante das violências da psiquiatria.

A apropriação de Rodrigo de suas linguagens da loucura, tanto partindo de seus índices discursivos quanto de sua estratégia narrativa<sup>85</sup>, interpõem uma experiência singular: um texto-denúncia embalsamado da vivência alucinada, confusa e não-linear. O autobiográfico se funde a um imaginário complexo que busca, o tempo todo, confundir o leitor. É a partir desta confusão que Rodrigo se finca enquanto sujeito: se constrói enquanto autor e deixa inúmeros questionamentos zunindo a quem o lê.

---

<sup>85</sup> SÁ, Juliana.; CAVALHEIRO, Juciane. **As formas do eu na ficção de Rodrigo de Souza Leão**. Revista Criação & Crítica, n. 13, p. 138-149, 12 dez. 2014. p. 140

## Referências bibliográficas

- ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro. Genocídio: 60 mil mortos no maior hospício do Brasil.** Geração Editorial, 2013
- BERMAN, Marshall. **Tudo Que é sólido Desmancha No Ar: a Aventura Da Modernidade.** Companhia Das Letras, 2016.
- CASTEL, Robert: **A Ordem Psiquiátrica - A idade de Ouro do Alienismo.** Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial.** Companhia das Letras, 2017.
- COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum.** Belo Horizonte, UFMG, 1999.
- COOPER, David Graham. **Psiquiatria e antipsiquiatria.** Perspectiva, 1989.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Espelho Do Mundo: Juquery, A Historia De Um Asilo.** Paz E Terra, 1988.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução.** Martins Fontes. São Paulo, 2006.
- FOUCAULT, Michel. **A grande estrangeira: sobre literatura.** Trad. Fernando Scheibe. 1 ed. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2016.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura: na idade clássica.** Perspectiva, 2008.
- GINZBURG, Jaime. Escritas da tortura. In: SAFATLE, Vladimir; TELES, Edson (orgs.). **O que resta da ditadura?** São Paulo: Boitempo, 2010, p. 133 - 151
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos.** Perspectiva, 2007.
- JOFFILY, Mariana. **No centro da engrenagem: os interrogatórios na operação bandeirante e no DOI de São Paulo, 1969-1975.** Arquivo Nacional, 2013.
- LEÃO Rodrigo de Souza. **Todos os cachorros são azuis.** 7Letras, 2010.
- LEMOS, Clécio. **Tratamento compulsório: Droga, loucura e punição.** Sistema Penal e Violência, PUCRS, v. 5, n. 2 (2013), p 332.
- PELBART, Peter Pal. **Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão.** Brasiliense, 1989.
- PESSOTTI, Isaias. **O século dos manicômios.** [s.l.]: Ed. 34, 1996.
- RODRIGUES, Maria Fernanda. **Obra de Rodrigo de Souza Leão, morto há 10 anos, muda de editora - que vai publicar sua poesia.** O Estado de São Paulo, 29 de junho de 2019.

Cultura. Disponível em

<<https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura.obra-de-rodrigo-de-souza-leao-morto-ha-10-anos-muda-de-editora-que-vai-publicar-sua-poesia,70002894523>>.

SÁ, Juliana.; CAVALHEIRO, Juciane. **As formas do eu na ficção de Rodrigo de Souza Leão**. Revista Criação & Crítica, n. 13, p. 138-149, 12 dez. 2014.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do Inconsciente**. Empresa editorial Alhambra, Rio de Janeiro, 1981.

SZASZ, Thomas. **Esquizofrenia: o símbolo sagrado da psiquiatria**. Zahar, São Paulo, 1978.

VIECELI, Ana Paula. **Lugares da loucura : arquitetura e cidade no encontro com a diferença**. UFRGS, Porto Alegre, 2014.

VIEIRA, Márcia. '**Vivo numa bomba-relógio circular**'. O Estado de S.Paulo, 11 de julho de 2009.

Aliás.

Disponível

em:

<<https://alias.estadao.com.br/noticias/geral,vivo-numa-bomba-relogio-circular,401498>>.

VOIGT, André Fabiano. **Imaginação e história: um diálogo com Gaston Bachelard**. Anos 90, v. 16, n. 30 (2009).